

REVISÃO CRÍTICA DE LITERATURA

PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE A DESOCUPAÇÃO EM JOVENS RECÉM-GRADUADOS: ANÁLISE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Academic Production on Unemployment in Young Learning: A Phenomenological-Existential Analysis

Producción Académica en el Desempleo em Jóvenes Recién Graduados: Análisis Fenomenológica-Existencial

MALU NUNES DE OLIVEIRA
CÍNTIA GUEDES BEZERRA CATÃO
ELZA MARIA DO SOCORRO DUTRA

Resumo: Este estudo apresenta um levantamento bibliográfico do que se tem produzido sobre a temática da desocupação, tomando como ponto de partida a análise de estudos com recém-graduados que se encontram nessa situação para possibilitar uma problematização à luz da perspectiva fenomenológico-existencial. A intenção é discutir como a experiência dos indivíduos é abordada no período de transição entre a universidade e o mercado de trabalho. Para tal, foram selecionados dez estudos científicos que retratam a temática, no período dos últimos 20 anos. Destaca-se a escassez de estudos sob a leitura fenomenológico-existencial, sendo mais recorrentes estudos que abordam uma perspectiva sobre o mundo do trabalho, relacionando causa e efeito. Promove-se, portanto, a abertura de um novo pensar, sob esta perspectiva, num foco maior sobre o pensamento heideggeriano, ótica que permite trazer à luz essas reflexões.

Palavras chave: Desemprego, jovens, ócio, recém-graduados, fenomenologia-existencial.

Abstract: This study presents a bibliographical survey of what has been produced on the issue of unemployment, taking as a starting point the analysis of studies with recent graduates who find themselves in this situation to enable a problematization in light of the phenomenological-existential perspective. The intention is to discuss how the experience of individuals is approached in this period of transition between the university and the labor market. To that end, ten scientific studies were selected that portray the theme in the period of the last 20 years. There is a shortage of studies under the phenomenological-existential reading, with more recurring studies that approach a perspective on the world of work, relating cause and effect. Therefore, the opening of a new thinking is promoted, from this perspective, with a greater focus on heideggerian thought, which allows us to bring these reflections to light.

Keywords: Unemployment, youth, leisure, recent graduates, phenomenology-existential.

Resumen: Este estudio presenta un levantamiento bibliográfico de lo que se ha producido sobre la temática de la desocupación, tomando como punto de partida el análisis de estudios con recién graduados que se encuentran en esa situación para hacer posible una problematización a la luz de la perspectiva existencial-fenomenológica. La intención es discutir cómo la experiencia de los individuos se aborda en este período de transición entre la universidad y el mercado laboral. Con este fin, se seleccionaron diez estudios científicos que muestran el tema, dentro de los últimos 20 años. Hay una falta de estudios en la lectura existencial-fenomenológica, más estudios recurrentes que abordan una perspectiva sobre el mundo del trabajo, la vinculación de causa y efecto. Promueve, por lo tanto, la apertura de un nuevo pensamiento en esta perspectiva, en un foco mayor sobre el pensamiento heideggeriano, óptica que permite sacar a la luz estas reflexiones.

Palabras clave: Desempleo, juventud, ocio, recién graduados, fenomenología y existencial.

Introdução

A desocupação é um fenômeno que comumente é trabalhado em junção com o desemprego. No Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2012), desocupação significa: “Ato ou efeito de desocupar. Falta de ocupação. Ociosidade”. Para o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população desocupada é constituída pelas pessoas que não estão economicamente ativas, ou seja, engloba indivíduos que estão disponíveis para o mercado e que tomaram alguma providência efetiva para conseguir emprego em um período de mais ou menos 30 dias. São, portanto, pessoas sem trabalho (IBGE, 2016).

O indicador de desemprego é mais amplo e é melhor definido pela EUROSTAT (Divisão de Estatística da Comissão Europeia), através de recomen-

dações feitas pela OIT (Organização Internacional do Trabalho), órgão que criou a metodologia seguida pelo IBGE, que define os desempregados como pessoas que podem também estar desocupadas, mas inclui os indivíduos que já têm um emprego e ainda não iniciaram, assim como os que estão exercendo algum tipo de trabalho informal e que pretendem oficializar e legalizar tal prática (Kon, 2013). Definir trabalho e emprego é importante para que se possa compreender essa lógica. Para a OIT, trabalho é qualquer atividade econômica do trabalhador em ocupação remunerada ou não, em que produza bens e serviços ou no serviço doméstico. O emprego contempla pessoas acima de certo nível de idade – juvenil dos 15 aos 24 anos e, adulto – que trabalharam ou que tiveram um emprego durante um período específico, incluindo pessoas assalariadas, temporariamente ausentes do trabalho, e traba-

lhadores familiares não assalariados que trabalham pelo menos uma hora. Em resumo, desocupadas são as “pessoas sem trabalho” e desempregadas são as “pessoas sem emprego” (OIT, 1982, 1998). Clarificar isto é crucial porque o desemprego pode englobar pessoas ocupadas em alguma situação de trabalho (Kon, 2013).

Utilizar a temática do desemprego, nesta forma de classificação dada pelas estatísticas, para definir e se trabalhar o significado da desocupação e seus efeitos não engloba este fenômeno em sua totalidade, fato que está muito além de pessoas que estão em situação de não ter trabalho, uma vez que não há espaços para pensar o tempo livre dos desempregados como algo que possa fazer parte da vivência, refletindo seus significados. Há apenas o tempo do trabalho. Este estudo visa, portanto, fazer um levantamento bibliográfico do que se tem produzido sobre a temática da desocupação, tomando como ponto de partida, a análise de estudos com recém-graduados que se encontram nessa situação e possibilitar uma problematização à luz da perspectiva fenomenológico-existencial.

Segundo o IBGE, a taxa de desocupação (que engloba tanto indivíduos desocupados quanto desempregados) em fevereiro de 2016 foi estimada em 8,2% da população total, o que representa um número de 2,0 milhões de pessoas desocupadas no Brasil. É importante destacar que essa taxa vem aumentando significativamente, considerando-se o contexto de fragilidade econômica e, por conseguinte, aumento do desemprego por qual passa o país, como se verifica com o acréscimo de 136 mil pessoas desempregadas do mês de janeiro para fevereiro do ano de 2016 (IBGE, 2016). Com isso, ressalta-se a importância do desenvolvimento de pesquisas a esse respeito que possibilitem a problematização acerca da desocupação e contribuam para a construção de conhecimento.

Segundo Arendt (1981), existem três dimensões do fazer humano que são constitutivas do existir. O labor, atividade relacionada à necessidade biológica, a qual está ligada diretamente ao ciclo de preservação da vida e satisfação das necessidades vitais. O trabalho, que constitui a atividade de criar/transformar elementos extraídos da natureza, gerando um mundo compartilhado entre os homens. E a ação, atividade exercida entre os homens, sem mediação das coisas ou da matéria.

Logo, o trabalho corresponde a uma necessidade espontânea do ser humano, base de satisfação e realização, em que os indivíduos encontram sua expressão mais natural, desde que certas condições de ordem psicológica, moral e social estejam asseguradas. Para além de uma fonte de rendimento e de sentido para a vida, ele estrutura a sociedade de um modo dialético. Como disse Schnapper (1998), “as sociedades modernas constroem-se em torno da atividade profissional, da cidadania e da articulação entre as duas” (p. 16).

O cotidiano vem se estruturando de forma que parece pouco provável haver a possibilidade de que o “ócio” possa ser tratado como parte da vivência considerada plena. A tendência à produtividade e

objetivação do homem, nos dias atuais, se sobressai, contribuindo para uma existência alienante, em que o ser é absorvido pela lógica capitalista de produção e pela máquina veloz do tempo.

A existência humana é atingida por cadeias de causa e efeito, e as respostas precisam ser imediatas, levando o homem a corresponder a papéis e demandas da vida, de modo automático e irrefletido. Evidencia-se o predomínio de uma cultura do “ter”, em detrimento do “ser”, em que há o imperativo do acúmulo de bens ou coisas materiais, como se houvesse aí uma associação de valor à pessoa (Dantas, 2011). O momento histórico atual, que se tornou o destino da humanidade, foi anunciado como a era da técnica, que provocou “uma reviravolta de todas as representações dominantes (...) uma posição totalmente nova do Homem no mundo e em relação ao mundo” (Heidegger, 1959, p. 18).

As diversas modalidades da cultura pós-moderna confirmam aquilo que de Nietzsche a Heidegger foi sinalizado como o advento de um tempo inautêntico e inumano, fundado e fundador de um profundo desespero existencial do ser humano em face da voracidade e da velocidade, o qual está mais perto do nada. Nem os apelos à ‘desaceleração’ podem inverter este desconforto, esta sensação de crise constante que os media, incensam todo o tempo (Heller, 2009).

A desocupação em recém-graduados precisa ser pensada, considerando-se essas reflexões acerca da era da técnica, dada a repercussão na vida de um jovem que está desocupado numa sociedade em que se prega que tempo vale ouro e que não se pode ficar parado. Verificam-se demandas e preocupações quanto a conseguir ou não emprego, depois de ter, por exemplo, concluído o nível superior, como se verifica em aumento na procura por assistência psicológica por parte de estudantes universitários, nos últimos semestres do curso, quando se aproxima a saída da universidade e se evidencia o receio de ter de ingressar no competitivo e, muitas vezes, assustador mercado de trabalho (Catão, 2016).

O crescimento das taxas de desemprego tornou a inserção de jovens no mercado de trabalho um dos grandes desafios da atualidade, e isto atravessa o modo de estar no mundo desses indivíduos, uma vez que não fazer nada pode caracterizar a perda de utilidade, devido à grande exigência pela busca de resultados. Na perspectiva de pensar o homem privilegiando a dimensão existencial da vida, encontram-se na filosofia de Martin Heidegger (1889 – 1976), os vários modos de ser-em da existência humana, os quais caracterizam a essência do homem, isto é, o fato dele existir, em sentido próprio e em copertecimento ao mundo. Heidegger criou o termo *Dasein* (ser-aí) ou pre-sença, destacando que o ser é aí, ou seja, no mundo, rompendo desse modo com perspectivas que restringem a experiência humana a explicações de natureza interna, e assim contribuem para a culpabilização e autorresponsabilização individual a problemáticas relativas ao social (Bauman, 2007). O pensamento heideggeriano se mostra bastante importante para que se

possa refletir sobre as repercussões no ser, como no tema em tela, do fato de estar desocupado, considerando-se a implicação da conjectura sociopolítica, histórica e cultural, pensando o social e o singular de modo indissociável (Feijoo, 2011). Pode-se dizer que é através da existência (homem-mundo) que o *Dasein* compreende a si e as suas possibilidades de ser-no-mundo.

É importante salientar que Heidegger (1927/2014) discute os modos de ocupação como, além de ter o que fazer, produzir, tratar e cuidar de algo e empreender, também é um modo de desocupação e o não fazer nada, e com isso pode-se considerar que, para ele, o ser humano nunca estará de fato desocupado, em um sentido ôntico, visto que, ontologicamente, ele é ocupação e preocupação enquanto ser-no-mundo e com os outros.

A perspectiva fenomenológico-existencial valoriza a maneira singular de o indivíduo estar no mundo, interagir com ele, ser afetado por ele e afetá-lo, isto é, preocupa-se com o modo como o homem experiencia e dá sentido a esse mundo. Segundo Critelli (1996) a fenomenologia não é somente uma teoria do conhecimento, no sentido de uma teoria fechada com explicações detalhadas sobre todos os fenômenos, mas uma reflexão sobre o modo humano de ser-no-mundo. Na verdade, busca aquilo que é fundante no ser humano, seus modos de habitar e se instalar nesse mundo. E estar-no-mundo, para essa perspectiva, significa considerar o homem em sua historicidade.

Segundo Heidegger (1927/2014), o homem é um ser lançado num mundo em que ele não escolheu, estando submetido às contingências deste, sendo esta a sua facticidade. O homem não está sozinho nesse mundo, pois este é composto por utensílios, animais e outros homens, e assim, ele é um ser-no-mundo-com-os-outros. Para este filósofo, existem duas formas principais de se relacionar com o mundo: o modo inautêntico e o autêntico. No primeiro, o homem é completamente absorvido pelo mundo e nele se perde, não realizando as suas possibilidades; no segundo, o homem se abre para as possibilidades, partindo de si mesmo e das suas relações de sentido que constrói no mundo (Bruns & Trindade, 2001). No entanto, esses modos se misturam no decorrer da experiência.

Diversas investigações realizadas em torno de conflitos psicológicos apontam que indivíduos em situação de desemprego, de uma forma geral, tendem a experienciar níveis elevados de depressão, ansiedade, estresse e angústia, juntamente com baixa autoestima e baixa confiança (Warr, Jackson & Banks, 1988). Pode-se perguntar com base no viés fenomenológico-existencial: Como estão se dando os estudos relacionados à ausência de trabalho e à desocupação? Quais os sentidos que o ser atribui a uma experiência de estar desocupado? Este estudo coloca essas questões em discussão a partir do que pôde ser encontrado na literatura sobre esta temática, buscando contribuir para uma melhor compreensão acerca da implicação da desocupação na vivência do ser humano.

Nesse caminho, pretendeu-se discutir como o sofrimento dos indivíduos é abordado nesse período de transição entre a universidade e o mercado de trabalho, analisando os aspectos mais relevantes elencados nos estudos selecionados. Em decorrência das grandes divergências conceituais e metodológicas existentes acerca do tema, buscou-se descrever o perfil dos trabalhos publicados referentes ao fenômeno e como se dá a apresentação destas dificuldades encontradas pelos recém-graduados, por meio de uma revisão integrativa da literatura. A intenção foi apresentar o que vem sendo pesquisado atualmente sobre o tema e quais concepções são priorizadas dentro da produção científica atual. Realizou-se, outrossim, um diálogo, evidenciando os pontos convergentes e divergentes sobre o assunto, como forma de proporcionar uma leitura integradora.

Método

O presente estudo foi realizado a partir do método de revisão integrativa de literatura, que tem como finalidade reunir e resumir o conhecimento científico já produzido e publicado sobre o tema investigado, a fim de contribuir para o desenvolvimento do conhecimento sobre a temática (Mendes, Silveira e Galvão, 2008).

As etapas para elaboração da revisão foram as seguintes: definição da questão norteadora e objetivos da pesquisa, estabelecimentos dos critérios de inclusão e exclusão das publicações, busca na literatura, análise e categorização dos estudos e discussão dos resultados. A pergunta disparadora para o desenvolvimento do estudo foi: o que se tem produzido sobre a desocupação de jovens recém-graduados?

A busca por publicações envolvendo a temática foi feita, no período de março e abril de 2016, nas seguintes fontes: SciELO (Scientific Electronic Library Online), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e o Portal de Periódicos da CAPES. Optou-se por estas bases de dados eletrônicas e biblioteca por entender que atingem a literatura publicada nos países da América Latina e Caribe, como também são referências técnico-científicas brasileiras de revistas bem conceituadas na área da Psicologia. Foram utilizados os descritores: “desemprego” e “jovens recém-graduados”, cruzando com “não-trabalho”, “primeiro emprego” e “ócio”, por não se tratarem de descritores diretamente relacionados ao tema, mas que podem trazer produções relacionadas a temática. Incluiu-se também “fenomenologia”, “fenomenológico”, “existencial”, “existência” e “fenomenológico-existencial”. O descritor “desocupação” não existe no banco de dados de descritores da BVS-Psi, então não foi utilizado.

Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos estudos foram: artigos publicados em português, inglês e espanhol, na íntegra, assim como teses e dissertações, que retratassem a temática referida e os indexados nos citados bancos de dados, nos últimos

vinte anos. Outros artigos sobre o tema foram eliminados pelo fato de serem produções que tratavam de fenômenos envolvidos no desemprego, mas que não faziam referência direta ou indireta à perspectiva da temática propriamente dita. A busca foi realizada de forma ordenada, respectivamente, PePSIC e SciELO, e foi realizada uma curta revisão através do buscador Google Acadêmico. Desta forma, as publicações que se encontravam inclusas em mais de uma, foram selecionadas na primeira busca.

Os resumos foram avaliados e as produções que atenderam aos critérios previamente estabelecidos foram selecionados e lidos na íntegra para este estudo. Para a obtenção dessas publicações, além das bases de dados e biblioteca elencadas para a revisão, foi utilizado o serviço de computação bibliográfica e acervo da Biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Objetivando descrever e classificar os resultados, realizou-se a análise, categorização e síntese das temáticas. As publicações selecionadas para a amostra foram submetidas a uma análise qualitativa indutiva e comparativa. Foi indutiva por possibilitar a constituição de categorias temáticas derivadas do “contato progressivo com o material” (Pieta, Castro & Gomes, 2012, p. 132); e, comparativa por buscar um diálogo entre os diversos textos. A finalidade foi conhecer os conteúdos produzidos, bem como os caminhos de análise e reflexão sobre o tema da “desocupação”, possibilitando observar, contar, descrever e classificar os dados, com o intuito de reunir o conhecimento dado sobre o tema explorado na revisão.

Resultados e Discussão

A presente revisão integrativa encontrou, ao todo, dez estudos relacionados à temática. Quanto aos tipos de produção, sete são artigos publicados em periódicos, dois são dissertações de mestrado e uma tese de doutorado. Segue um panorama geral das publicações:

Tabela 1
Distribuição das publicações selecionadas nas bases de dados e biblioteca eletrônica

Base de Dados e Biblioteca Eletrônica	Recém-Graduados/ Desocupação
PePSIC	4
CAPES BR	1
SciELO	1
Google Acadêmico	4
Total	10

Observa-se que foram predominantes os artigos encontrados na base da PePSIC e, de uma forma bem esporádica, no buscador do Google Acadêmico, o que demonstra a escassez de produção sobre essa temática. Artigos utilizando o tema da desocupação em recém-graduados não foram encontrados e, por essa razão, optou-se pelos estudos referentes

à dificuldade de inserção de recém-graduados no mercado de trabalho, incluídos na situação de desemprego e/ou “não trabalho”, temática que se insere no contexto da desocupação.

Os estudos selecionados foram, em sua maioria, brasileiros, e apenas dois internacionais, sendo um referente aos Estados Unidos e outro ao México. As dissertações, os artigos e a tese selecionados foram reunidos a partir de sua titulação e resumo da temática, através de uma análise qualitativa para identificar as contribuições de cada trabalho, verificando-se a relação com o tema proposto.

A Tabela 2 apresenta a sistematização das produções, em que, para fins de organização, os artigos foram numerados de 1 a 10 e serão referidos através do seu respectivo número nas tabelas apresentadas na sequência.

Verificou-se um aumento das publicações, a partir da década de 2000, ocorrendo depois de 2004, e mais recorrentemente a partir de 2007. Esse recorte de tempo possibilita a reflexão desta época contemporânea em que, segundo o IBGE, a partir de 2008, o país entrou em um forte período de recessão econômica, o que influenciou diretamente as taxas de desocupação. A temática entrou em foco provavelmente devido ao fato de que, no ano de 2009, travou-se um aumento de 18,5% no total de desocupados. Significa que cerca de 1,3 milhão de trabalhadores engrossaram a lista dos desempregados, no maior salto desde 2001, e os estudos puderam ser potencializados.

Nesta lógica, reitera-se a importância de se pôr em questão o sentido de utilidade a partir do fazer apregoado hodiernamente, ou seja, nada pode existir sem uma finalidade, característica de um tempo capitalista e da era da técnica, como esclareceu Heidegger (1927/2014), ao expor que o homem moderno entende a si mesmo e ao mundo na razão direta da sua capacidade de dominar e manipular o mundo e os outros. A técnica se constitui assim como um esvaziamento do ser, o que pode afastar o homem da condição de ser si mesmo.

Ao analisar os delineamentos de pesquisa mais frequentes, identificaram-se seis estudos de enfoque qualitativo. Quanto às perspectivas teóricas e área de estudos, sete foram produções na área de Psicologia do Trabalho, sendo os demais estudos referentes à Sociologia, Economia e Ciências Sociais. Apenas um dos estudos encontrados (o estudo 2), de Teixeira e Gomes (2004), utiliza a perspectiva da Psicologia fenomenológica, abordando uma temática mais voltada para a importância da orientação profissional na escolha da profissão.

A composição dos dados finais desta revisão permite a possibilidade de observar que a maioria dos artigos encontrados são predominantemente empíricos. Estes são estudos que buscam possibilitar a compreensão, acréscimo ou modificação em um tema, por meio de dados coletados a partir de fontes diretas (pessoas) que vivenciam ou conhecem um tema específico, sendo cinco o total da amostra. Os outros três são teóricos, estudos estes que têm como objetivo conhecer ou discutir uma temática, sem utilizar pesquisa de campo, funda-

Tabela 2
Sistematização das produções por tema, autoria, local, ano e tipo de estudo

nº	Título do Artigo	Autores	Instituição de Origem	Ano	Tipo de Estudo
1	Fim dos estudos universitários: Efeitos das dificuldades do mercado de trabalho na representação do futuro profissional e no estabelecimento de projetos pós-universitários dos estudantes.	Katia Maria Costa Neiva	Universidad Iberoamericana – México	1996	Empírico
2	Estou me formando... e agora? Reflexões e perspectivas de jovens formandos universitários	Marco Antônio Pereira Teixeira; William Barbosa Gomes	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2004	Empírico
3	Subjetividade no discurso de recém-graduados da UFPR: uma análise institucional	Luciana Albanese Valore	Universidade Federal do Paraná	2005	Empírico
4	“E agora, José?": jovens psicólogos recém-graduados no processo de inserção no mercado de trabalho na região da grande Florianópolis.	Raquel Guedes Pimentel	Universidade Federal de Santa Catarina	2007	Empírico
5	A transição da universidade ao mercado de trabalho na ótica do jovem	Simone Lopes de Melo, Livia de Oliveira Borges	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2007	Empírico
6	Déficits juvenis ou déficit de lugares? O desemprego e a ocupação dos jovens nos mercados de trabalho das metrópoles do Nordeste e do Sudeste	Ângela Maria Carvalho Borges	Universidade Católica de Salvador	2008	Teórico
7	Inserção profissional de recém-graduados em tempos de inseguranças e incertezas	Luciana Albanese Valore; Gabriele Ana Selig	Universidade Federal do Paraná	2010	Teórico
8	“Estou formado(a), e agora?": uma análise sobre o sofrimento psíquico de desempregados recém-formados em instituições de nível superior em São Luís-MA	Alynne Virgínia de Queiroz Lima; Manoel William Ferreira Gomes	Universidade Federal do Maranhão	2010	Empírico
9	Peguei o diploma, e agora? Desafios, dilemas e estratégias de inserção ocupacional de jovens recém-graduados em ciências sociais	Tauvana da Silva Yung	Universidade de Brasília	2013	Empírico

Artigos - Estudos Teóricos ou Históricos

mentando-se a partir de uma reflexão que trate de aspectos gerais ou específicos de determinada teoria (Santiago e Holanda, 2013). Os objetivos de cada um são sistematizados na Tabela 3, como se vê:

Tabela 3
Objetivos gerais e específicos das produções selecionadas

nº	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos
1	Dificuldades do mercado de trabalho em estudantes no fim do curso universitário.	Verificar se a variável “mercado de trabalho” afeta os sujeitos com um nível mais alto de competência escolar.
2	Explorar a experiência de transição universidade-mercado de trabalho entre jovens universitários em fase de conclusão de curso	Descrever trajetórias de desenvolvimento profissional ao longo da experiência universitária que conduzem a diferentes expectativas e modos de se preparar para o ingresso no mercado de trabalho, quando da conclusão de um curso superior.
3	Investigar o discurso de recém-graduados de uma universidade pública, considerando, igualmente, alguns discursos correntes dos processos de qualificação e de inserção profissional, no intuito de delinear os cenários das novas ordens da subjetividade no mundo contemporâneo.	
4	Compreender como os jovens recém-formados em Psicologia vivenciam sua inserção no mercado de trabalho na região da Grande Florianópolis – SC	a) Identificar como o jovem se sentiu na qualidade de recém-graduado; b) analisar quais foram as condições envolvidas para a inserção no mercado de trabalho e como foram percebidas pelos jovens; c) desvelar se o jovem se identifica com a profissão na qual se graduou; d) identificar quais as expectativas dos jovens em relação à inserção profissional; e) identificar as estratégias utilizadas pelos jovens recém-formados no processo de inserção no mercado de trabalho; f) identificar as dificuldades que o jovem encontra no processo de inserção; g) investigar quais recursos e/ou fontes de apoio esses jovens utilizam.
5	Contribuir para aprofundar a compreensão sobre a vivência de grupos específicos de jovens no que se refere à transição universidade-mercado de trabalho.	
6	Analisar os padrões de incorporação dos jovens no mercado de trabalho	Analisar como jovens entre 18 e 29 anos do Nordeste e do Sudeste são inseridos no mercado de trabalho, com ênfase no grau de exposição destes trabalhadores ao desemprego e ao trabalho precário e levando em conta as dimensões de idade, gênero e escolaridade e renda domiciliar.
7	Abordar o cenário contemporâneo da relação indivíduo-trabalho e os modos de subjetivação.	Analisar o processo de inserção profissional de recém-graduados, identificando as principais estratégias adotadas frente à incerteza de novos tempos.
8	Analisar como o desemprego afeta a subjetividade de indivíduos recém-formados em Instituições de nível superior	Identificar as principais angústias advindas desse processo de não ingresso no mercado de trabalho e quais estratégias estão sendo empregadas na minimização de seu sofrimento.

Pode-se perceber que os objetivos desses estudos, em geral, foram de buscar apresentar como se dá a transição dos jovens recém-graduados para o mercado de trabalho, levando em consideração questões que eles apresentam como sendo de cunho subjetivo, como o sofrimento dos indivíduos que estão em situação de desemprego e também análises dessas dificuldades objetivamente, a partir de levantamento de causas e consequências desse fenômeno. Alguns se tratam também de dados estatísticos de como isso vem ocorrendo nos últimos anos.

A discussão a seguir será apresentada por meio de tópicos categóricos agrupando os conteúdos que foram destacados a partir das temáticas mais trabalhadas entre os artigos que se assemelham entre si, depois de uma análise feita a partir da leitura na íntegra dos estudos.

Formação Profissional e Mercado de Trabalho

Os estudos selecionados indicam, em sua maioria, as dificuldades do mercado de trabalho e como elas afetam negativamente os estudantes universitários que se preparam para ele. Por se caracterizar como um momento decisivo na vida do jovem que está nessa fase, a inserção no mercado se torna muito importante e tem influência direta na vida dos indivíduos, visto que, além de trazer crescimento individual e conseqüente inserção no mundo adulto, traz contribuições ao crescimento econômico de onde ele vive (Valore, 2005; Yung, 2013).

Critelli (2006) aponta que o “trabalho” não é ontológico. É ôntico. Ocupar-se é que é ontológico, é constituinte do ser do homem, e é, portanto, existencial. É possível pensar que, valorando a ocupação por meio apenas do trabalho, os jovens estão, em sua maioria, lidando com suas vidas unicamente como ocupação, havendo uma objetivação da vida. Este é um advento da era da técnica, tempo em que, segundo Heidegger (1987/2009), “(...) de tudo o que é, só se considera aquilo que é mensurável, quantificável. Dispensam-se todas as outras características das coisas” (p. 55). Há, nesse sentido, uma primazia do mundo do trabalho.

O estudo de Valore e Selig (2010), em sua fundamentação, apresenta um pouco do que seria essa supremacia, explanando que isto se dá porque a lógica que rege esse contexto atravessa as demais instâncias da vida pessoal dos indivíduos, assim como também o modo de funcionamento do mercado de trabalho passa a determinar o modo de funcionamento dos homens e as formas em que se constituem. E não tem como o homem fugir disso, visto que ele é atravessado por sua historicidade (Heidegger, 1959/2012).

Nesse contexto, ter um emprego vai além de construir uma estabilidade econômica e financeira. Para Pimentel (2007), o emprego garante o estabelecimento de relações sociais, assim como uma organização do tempo, do espaço e uma identidade. A importância se dá por permitir a integração econômica e a participação na esfera do consumo, assim como a integração social e cívica pelas relações sociais que

alimenta, pelo estatuto que confere e pelo acesso que assegura aos direitos e às garantias sociais.

O estudo de Borges (2008) traz à discussão que, por caracterizarem o grupo mais afetado pela reestruturação produtiva do final do século passado, os jovens têm vivenciado a maior taxa de desemprego dos últimos anos. Principalmente dentro desse contexto, a formação profissional ocorreu como resposta às demandas surgidas a partir das dificuldades encontradas no âmbito do mercado de trabalho. Todavia, afirma Pimentel (2007), tal relação atravessou os tempos e as diversas reconfigurações da realidade social não acompanharam o seu sentido inicial, apesar de os jovens se apresentarem confiantes quanto à crença de que existe lugar no mercado para quem é competente e busca oportunidades, como apresentou a pesquisa de Teixeira e Gomes (2004).

Desse modo, o diploma pode ser necessário em nossa sociedade capitalista, mas não constitui uma garantia para inserção imediata no mercado de trabalho. Antes, entendia-se que o diploma era a prevenção contra o desemprego, mas com o passar do tempo, identificou-se que esta não é uma verdade, pois o aumento dos níveis de formação não interfere sobre o aumento geral das taxas de desemprego (Gomes e Lima, 2010; Yung, 2013).

Refletindo sobre o mundo do trabalho contemporâneo, é notável que a necessidade de qualificação expressa pelos entrevistados no estudo de Yung (2013) é reveladora das exigências do mercado. A adaptação vem se tornando necessária, assim como a resiliência diante dessa nova conjuntura. Torna-se importante também uma constante adequação do trabalhador ao mercado de trabalho para se manter empregado, o que interfere diretamente na qualidade de vida dos indivíduos que podem se submeter a diversas formas de trabalho.

No caso dos jovens analisados pelo estudo de Yung (2013), a qualificação permanente surge como estratégia à dificuldade de inserção ocupacional que eles enfrentam. A preocupação, portanto, não reside somente em manter o emprego, mas também como em obter uma oportunidade de emprego. E essa oportunidade tende a aparecer sob a ilusão de uma boa e continuada qualificação, fator que contribui para o aumento do estresse e do sentimento de insegurança em relação ao controle dos jovens sobre a própria vida (Melo e Borges, 2007; Valore e Selig, 2010).

Borges (2008) explana que a queda na taxa de ocupação juvenil é a causa das dificuldades enfrentadas pelos jovens para conseguir um emprego, pois é equivalente a elevação acentuada das taxas de desemprego. Não se trata, portanto, da desqualificação desses jovens, como discutido anteriormente. Tanto o nível de atividade dos jovens, quanto as chances de encontrar um emprego ou ocupação, não estão associadas somente à sua escolaridade. O diagnóstico dominante que remete à baixa escolaridade dos jovens às dificuldades que eles têm encontrando no mercado de trabalho é negado, o que entra em evidência é a insuficiência de políticas governamentais formuladas neste período contemporâneo.

Abel, Deitz e Su (2014), concluíram em seu estudo que os recém-formados geralmente levam algum tempo para chegar ao mercado de trabalho, principalmente os relacionados à sua área de formação. O fato é que, mesmo em bons ou maus momentos econômicos, as relativas taxas elevadas de desemprego não são incomuns. Porém, os recém graduados estão encontrando empregos mais facilmente em relação aos que não possuem diploma universitário. Por fim, Valore (2005) entende que a maior dificuldade no cenário atual, tanto educativo quanto econômico, é que este momento impõe ao profissional no início de carreira um lugar de continuamente falta, aspecto que resulta tanto de falhas na formação profissional, quanto os decantados abismos entre ela e o mundo do trabalho, deixando-o numa espécie de *limbo subjetivo*, segundo a autora. A escolha profissional acaba se dando pela expectativa de atender os modos de funcionamento da sociedade, do mercado de trabalho e das profissões.

Desemprego, Desocupação e Sofrimento

A vivência da dificuldade de encontrar um emprego e o contato com a abertura para possibilidades que demandem esforço e escolhas contribuem para o surgimento de sentimentos como angústia, depressão e inutilidade nos jovens. As consequências desse processo em nível emocional que surgem durante o desemprego são as frustrações na procura da inserção pela população jovem que culminam num processo de desqualificação social e, por sua vez, ocasionam fragilidade nas pessoas. É no momento de desesperança em encontrar um emprego estável que emergem sentimentos de inutilidade, apatia, desorganização, inferioridade social, humilhação, fracasso pessoal e culpabilidade (Pimentel, 2007; Melo e Borges, 2007). Percebe-se que o trabalho tem um lugar importante, e que na ausência do mesmo, o sofrimento e a falta de sentidos podem emergir. Josgrilberg (2004), baseado no pensamento heideggeriano, reflete que essa forma de viver conforme a técnica obscurece a dimensão ontológica do ser do homem e o adoecimento se caracteriza como a diminuição de seu horizonte de possibilidades.

Lima e Gomes (2010) observaram que outras vivências dos indivíduos remetem à questão do sofrimento nos recém-formados, como o arrependimento e a frustração pela opção de um curso que não traz o retorno financeiro esperado. O investimento, também pessoal, feito durante anos na graduação não se sustenta, e as cobranças e pressões da família para que estes jovens consigam um emprego é iminente. A vergonha também é presente, por terem que depender financeiramente de outros. Segundo o estudo, isto causa uma diminuição da autoestima, assim como uma discriminação da sociedade pelo fato de não se ter um emprego e não poder sustentar sua própria família, no caso de adultos recém-formados.

As estratégias para que esse sofrimento não seja convertido em um adoecimento do ponto de vista físico e psicológico são necessárias do ponto de

vista desses autores. Lima e Gomes (2010) retomam uma proposta de estratégias antes desenvolvida por Dejours, Abdouchelt e Jayet (1994, p. 128) em que estas "(...) levam à modificação, transformação, e, em geral, à eufemização da percepção que os trabalhadores têm da realidade que os faz sofrer". Desenvolver meios para que os indivíduos não sofram é o que se tem buscado atualmente, demonstrando assim um ideal de controle das condições que são inerentes aos seres humanos e não refletindo sobre como esse sofrimento vem se apresentando.

Percebe-se a tentativa que a ciência faz buscando solução para os problemas do homem moderno. Dutra (2013) ressalta que estes são recursos, técnicas, produtos, programas que se mostram disponíveis ao consumo, garantindo soluções em curto prazo. Contudo, a autora questiona as doenças da nossa época, como a depressão e fobias, suicídio e violência, entendidas como falta de sentido da existência, campo em que as ciências avançadas tem dificuldade de alcançar; pois "haverá sempre algo que ficará fora do representado, o imponderável, aquilo que não se prevê e nem se deixa controlar; melhor dizendo, algo não dito e cujos sentidos se desvelam à medida que somos-no-mundo" (Dutra, 2013, p. 207).

Fenomenologia

O único estudo encontrado referente à fenomenologia foi o de Teixeira e Gomes (2004), que teve como objetivo descrever as trajetórias de desenvolvimento profissional dos estudantes ao longo da experiência universitária, momento em que vivenciam diferentes expectativas e modos de se preparar para o ingresso no mercado de trabalho, e também da conclusão de um curso superior. Para os participantes, a experiência de transição foi entendida como um fenômeno que se apresenta à consciência sob a forma de uma narrativa que articula experiências passadas e expectativas para o futuro em um todo que carrega em si vários significados (Teixeira e Gomes, 2004).

Considerando o foco desta revisão integrativa que é a experiência dos indivíduos que já concluíram o curso, pode-se focalizar nos resultados desse estudo que se tratam da visão que os jovens têm sobre o que ocorrerá após a formatura. Segundo os autores, é frente à iminência da conclusão do curso que os formandos se dão conta de que não sabem qual caminho percorrer após a formatura. Este, por ser um momento de abertura de possibilidades, pode também provocar angústia. Heidegger (1927/2014) diz: "Por esta angústia não entendemos a assaz frequente ansiedade que, em última análise, pertence aos fenômenos do temor que com tanta facilidade se mostram" (p.39). Em outras palavras, afirma:

O porquê a angústia se angustia não é um modo determinado de ser e uma possibilidade da presença. A própria ameaça é indeterminada, não chegando, portanto, a penetrar como ameaça neste ou naquele poder-ser faticamente concreto. A angústia se angustia pelo pró-

prio ser-no-mundo (...). O 'mundo' não é mais capaz de oferecer alguma coisa, nem sequer a copresença dos outros. A angústia retira, pois, da presença, a possibilidade de, na decadência, compreender a si mesma a partir do 'mundo' e da interpretação pública (Heidegger, 1927/2014, p. 254).

A contemporaneidade tende a produzir sentidos e ideais a partir de verdades preestabelecidas e justifica a angústia como algo patológico a ser evitado. O cenário dominante impõe ao homem atual a busca pelo prestígio, pelo reconhecimento, pela informação e pelo conhecimento, numa postura passiva ao capitalismo (Dantas, 2011).

O homem é perpassado por sua historicidade e estando num mundo determinado por certos conceitos, não há como não ser afetado por ele. Para Heidegger (2006/1927), ele se projeta em cada possibilidade de ser-no-mundo. O filósofo cita que “o 'mundo' é, ao mesmo tempo, solo e palco, pertencendo, como tal, à ação e à transformação cotidianas” (p. 480). Para os participantes do estudo, mais importante do que os fatores que podem ser favoráveis ou difíceis à inserção no mercado de trabalho é a maneira como o indivíduo percebe e interpreta esses fatores e se posiciona frente a isso, ou seja, aproveitando ou superando (Teixeira e Gomes, 2004).

Silva e Barreto (2015), em seu estudo da contemporaneidade sob a perspectiva heideggeriana, afirmam que se o indivíduo compreende e tem uma postura reflexiva sobre a técnica, no sentido original do termo como *techné*, há a possibilidade de uma distância da necessidade de controle, do desejo de tudo dominar, característicos deste tempo. Rompendo essas determinações, é possível abrir espaço para uma livre correspondência com a técnica, na qual os sentidos podem vir à tona.

Pelo fato da angústia promover a inquietação, o homem contemporâneo tende a associá-la com algo a ser eliminado. Não reflete que esta inquietação se dá pelo caráter de ter-que-decidir em que o *Dasein* se encontra, e que o modo de ser próprio, mais autêntico, surgirá na decisão (por estarem abertas as possibilidades), momento em que geralmente se pode escolher pelo que se é mais próximo, diferente da impropriedade (ou inautenticidade) que surge nas determinações e pode causar o adoecimento. O compreender impróprio se constitui no que é passível de ocupação e poder fazer, e por ser urgente nos negócios e afazeres cotidianos, vão deixando o homem à margem de si mesmo (Heidegger, 1927/2014).

O mecanismo de encobrimento da angústia é produzido nos modos de ser e estar que visam o imediatismo, o bem-estar supremo, tornando-a pouco vivida e esquecendo que ela convida os seres humanos à singularização e à reflexão da própria existência (Dantas, 2011).

Considerações Finais

Problematizar qual é o sentido do lugar de “estabilidade” através do trabalho é importante para

se pensar o que os jovens da atualidade estão buscando de todo modo alcançar, movimento este que gera angústia e sofrimento diante da possibilidade de não encontrar um emprego.

O sentido de desocupação deste trabalho foi em direção ao que foi construído socialmente, de estar ocioso, período em que o indivíduo não está fazendo nada, não está empregado. Para Heidegger (1927/2014), os modos de ocupação são considerados em diversas formas, e exemplifica em sua obra, além do ter o que fazer com algo, produzir, tratar e cuidar, empreender, são também a desocupação e o “fazer nada” presentes nesses modos. Logo, o homem nunca está desocupado existencialmente. Entretanto, buscando atividades a todo custo, ele pode objetivar demais a sua vida, caráter que interfere no seu *poder-ser*.

Nesta pesquisa, o conceito de desocupação difere-se do significado heideggeriano, que se refere à desocupação como um modo de ocupação, abrindo precedentes para a reflexão que aparentemente não vem sendo feita a esse respeito.

No decorrer desta revisão integrativa, é possível observar que este fenômeno é pouco estudado e, quando o é, associa-se recorrentemente com pesquisas dedicadas ao estudo do desemprego. Esta ênfase traz subsídios para que se possa aproximar às questões existenciais do homem cotidianamente, considerando a menção, mesmo que corriqueira da angústia, do tédio e do sofrimento. A proposta se deu como possível contribuição para a promoção do pensar sobre essa temática, partindo da perspectiva fenomenológico-existencial, realizada neste artigo num foco maior sobre o pensamento heideggeriano, diferindo assim de outras leituras mais recorrentes da Psicologia.

Nesta pesquisa, é notável que a temática da desocupação se apoia na investigação da experiência de desemprego, e este, revela-se como experiência recorrente e crescente na sociedade atual. Os aspectos quantitativos e qualitativos puderam ser ressaltados, assim como, a égide da lógica econômica, social e do trabalho, contudo, considerações relacionadas ao humano que se encontra desocupado, inclusive de si mesmo, são rasas, principalmente neste período de transição, onde este se vê destituído de um lugar: antes, enquanto estudante universitário; agora, “formado”, “apto”, considerado “pronto”, para um mercado que não se mostra com condições de recebê-lo. Os paradigmas do mundo contemporâneo têm deixado este jovem sem a condição de empregado, de ocupado, e por vezes contribuindo para que se observe sem possibilidades de ser-no-mundo.

Pensar a dimensão social da experiência humana é importante e a proposta da ontologia heideggeriana traz elementos para isso. Pensando o homem em uma perspectiva que privilegia a dimensão existencial da vida, encontram-se os vários modos de *ser-em* da existência humana, e estes caracterizam a essência do homem, isto é, o fato dele *existir*, em sentido próprio. Heidegger criou o termo *Dasein* (ser-aí) ou *pre-sença*, para se referir a abertura existencial que é condição essencial daquele que questiona o sentido do ser-no-mundo.

A existência do homem é permeada pela historicidade e seus fatores, e suas representações são interligadas ao contexto social em que se insere, assinalando a forma como o existente “está-com” os outros existentes. Nesse sentido, pensar a dimensão social da experiência humana faz-se necessária, e a proposta da ontologia heideggeriana traz elementos para isso. O desemprego é uma questão social em que também são elevados os números de jovens desocupados. Numa época em que as vias de consumo regem os modos de ser, vamos percebendo que a imposição de preferências da opinião pública tem grande força. O indivíduo vai ficando disperso, protegido, acomodado no geral, aspecto que o empurra à uniformidade e mediocridade (Heidegger, 1981).

Na contemporaneidade são elevados os números de jovens desempregados. Dutra (2008) reflete acerca da importância de lançarmos outro olhar para o contexto no qual a existência se apresenta, na realização de estudos sobre o homem, bem como na prática clínica do psicólogo. Nesse sentido, afirma que se deve: “Abordar o social numa prática que é prioritariamente humana e só acontece num contexto de relação, pleno de sentidos, desde então, é considerar as dimensões ônticas e ontológicas do ser humano” (Dutra, 2008, p.234).

A partir do que foi discutindo, percebe-se que há uma constante busca de se estudar o “não trabalho”, assim como o desemprego, na tentativa de abarcar as causas e consequências desses fenômenos na sociedade. Todavia, esta vem sendo prática que não prioriza os aspectos relacionados ao modo como existem os indivíduos que entram em contato com o fenômeno da desocupação. A maioria dos estudos se volta para a decodificação de taxas e estatísticas, que analisam o fenômeno como algo fechado e objetivado e não enquanto um caminho de compreensão da experiência das pessoas, lançando luz sobre suas existências e o universo de possibilidades que há no horizonte de cada um, apesar das dificuldades que se impõem.

Artigos que tratassem do fenômeno da desocupação em jovens recém-graduados numa perspectiva fenomenológico-existencial não foram encontrados e a pouca produção existente sobre a temática se deu, em sua maioria, sob aspectos socioeconômicos ou a partir de outros referenciais da Psicologia, como a do trabalho e das organizações. As discussões desses estudos, em geral, buscam apresentar como se dá a transição dos jovens recém-graduados para o mercado de trabalho, levando em consideração questões de cunho pessoal, como o sofrimento dos indivíduos que estão em situação de desemprego e também análises dessas dificuldades, a partir de levantamento de causas e consequências desse fenômeno e estratégias para lidar com essa dificuldade.

Nesse sentido, pode-se propor um questionamento: a importância do indivíduo e o sentido de sua existência se encontram apenas a partir das atividades práticas que ele realiza? Revela-se aqui a possibilidade de um novo estudo, que poderá permitir pensar nisto e contribuir mais para uma melhor compreensão acerca da implicação da desocupação na vivência do ser humano.

Constatar a realidade experienciada pelos jovens recém-graduados em busca do primeiro emprego, e, com isso, evidenciar seus sentimentos e como compreendem esse percurso na contemporaneidade, é um caminho que pode se desvelar como proposta de pesquisas.

Não se pode negar a pertinência e importância dos estudos citados nesta revisão integrativa, visto que foram essenciais para trazer novas reflexões, porém o intuito de novas pesquisas a partir deste ponto seria de buscar não mais focalizar a desocupação em si, como algo concreto e objetivado, mas procurar compreender e lançar um olhar sobre a vida dessas pessoas, o sofrimento, a angústia e o ócio nas suas dimensões ônticas e existenciais, no seu aspecto limitador, como aquele que diminui as possibilidades de relação entre o homem e o mundo, pondo em risco as redes de significância construídas por ele para lidar com as coisas e conviver com os outros no mundo.

Referências

- Abel, J. R., Deitz, R. & Su, Y. (2014). *Are Recent College Graduates Finding Good Jobs?* Current Issues in Economics and Finance. Volume 20, Number 1. Electronic copy available at: <http://ssrn.com/abstract=2378472>
- Arendt, H. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1981.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. (Carlos Alberto Medeiros Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Borges, A. M. C. (2008). *Deficits Juvenis ou Deficit de Lugares? O Desemprego e a Ocupação dos Jovens nos Mercados de Trabalho das Metrópoles do Nordeste e do Sudeste*. Revista ABET vol. VII — n. 2
- Bruns, M. A. T. & Trindade, E. (2001). *Metodologia fenomenológica: a contribuição hermenêutica da ontologia-hermenêutica de Martin Heidegger*. In Maria Alves T. Bruns & Adriano F. Holanda (Orgs.). *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica. Reflexões e Perspectivas* (pp. 67-80). São Paulo: Ômega.
- Catão, C. G. B. (2016). *A experiência de sofrimento em estudantes de Ciências e Tecnologia da UFRN sob o enfoque fenomenológico-existencial*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte.
- Critelli, D. M. (2006). *Análítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: Educ/Brasiliense.
- Dutra, E. (2008). Afinal, o que significa o social nas práticas clínicas fenomenológico-existenciais? *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (Rio de Janeiro), 8 (2), 224-237.
- Dutra, E. (2013). Formação do Psicólogo Clínico na Perspectiva Fenomenológico-Existencial: Dilemas e Desafios em Tempos de Técnicas. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19 (2), 205-211.

- Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Rev Produção*; 14(3): 27-34.
- Michaelis (2012). *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. UOL
- Feijoo, A. M. L. C. (2011). *A existência para além do sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais*. Rio de Janeiro: Edições IFEN: Via Verita.
- Heidegger, Martin (1981). *Todos nós ... ninguém*. Tradução brasileira de Dulce Maria Critelli. São Paulo, Editora Moraes.
- Heidegger, M. (2009). *Seminários de Zollikon: protocolos – diálogos – cartas*. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco. (Original publicado em 1987).
- Heidegger, M. (2012). *Ensaio e Conferências*. 8ª Ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco. (Original publicado em 1959).
- Heidegger, M. (2014) *Ser e Tempo*. 9ª Edição. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco. (Original publicado em 1927).
- Heller, E. (2009). “Hacia La Calidad Del Tiempo La ‘Asociación Para Ralentizar El Tiempo’ Y Otros Movimientos De La Soberanía Del Tiempo”. In: *El Tiempo Del Ocio: Transformaciones Y Riesgos En La Sociedad Apresurada, Manuel Cuenca Cabeza E Eduardo Aguilar Gutiérrez* (Eds), Deusto, Universidad de Deusto. Pp. 75-103.
- IBGE, *Pesquisa Mensal de Emprego*, Rio de Janeiro, Abril/2016. Em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/> 13/04/2016.
- Josgrilberg, R. S. (2004). A fenomenologia como novo paradigma de uma ciência do existir. In *A fenomenologia do cuidar: Prática dos horizontes vividos nas áreas da saúde, educacional e organizacional* (p. 31-52). In Danuta, D. Pokladek. (Org.). São Paulo: Vetor.
- Kon, A. (2013) Desemprego ou desocupação? A interpretação dos indicadores. In: *XI Ciclo de Debates em Economia Industrial, Trabalho e Tecnologia*, São Paulo: EITT/PUCSP.
- Lima, A. V. Q. & Gomes, M. W. F. (2010). “Estou Formado(A), e Agora?”: uma análise sobre o sofrimento psíquico de desempregados recém-formados em instituições de nível superior em São Luís-MA. *Cad. Pesq.* (São Luís), v. 17, n. 3, set/dez.
- Melo, S. L., & Borges, L. O. (2007). A transição da universidade ao mercado de trabalho na ótica do jovem. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27(3), 376-395.
- Mendes, K. D. D., Silveira, R. C. C. P. & Galvão, C. M. (2016). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem* 17 (4): 758-64.
- Neiva, K. M. C. (1996). Fim dos Estudos Universitários: Efeitos das Dificuldades do Mercado de Trabalho na Representação do Futuro Profissional e no Estabelecimento de Projetos Pós-Universitários dos Estudantes. *Psicologia USP*, 7 (1/2), 203-224.
- OIT (1998). *Décima Sexta Conferência Internacional dos Estatísticos do Trabalho*, Genebra: OIT.
- OIT (1982) *Décima Terceira Conferência Internacional dos Estatísticos do Trabalho*, Genebra: OIT/CIET.
- Pieta, M. A.; Castro, T. G. de & Gomes, W. B. (2012). Psicoterapia e Pesquisa: Desafios para os Próximos 10 anos no Brasil. Em A. F. Holanda (Org.), *O Campo das Psicoterapias. Reflexões Atuais* (pp. 121-142). Curitiba: Juruá Editora.
- Pimentel, R. G. (2007). “E Agora, José?”: *Jovens psicólogos recém-graduados no processo de inserção no mercado de trabalho na região da grande Florianópolis*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Santiago, A. & Holanda, A. F. (2013). Fenomenologia da Depressão: uma Análise da Produção Acadêmica Brasileira. *Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies*, 19 (1): 38-50.
- Silva, E. F. G. & Barreto, C. L. B. T. (2015) Uma compreensão do contemporâneo a partir do diálogo com o pensamento de Martin Heidegger. *Griot – Revista de Filosofia* (Amargosa, Bahia), v.11, n.1
- Schnapper, D. (1981). *L'épreuve Du Chômage*. Paris: Gallimard.
- Teixeira, M. A. P. & Gomes, W. B. (2004). Estou me Formando... E Agora? Reflexões e Perspectivas de Jovens Formandos Universitários. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5 (1), 47-62
- Valore, L. A. & Selig, G. A. (2010). Inserção profissional de recém-graduados em tempos de inseguranças e incertezas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (UERJ), 10 (2), 390-404.
- Valore, L. A. (2005). *Subjetividade no discurso de recém-graduados da UFPR: uma análise institucional*, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Yung, T. S. (2013). *Peguei o Diploma, e Agora? Desafios, Dilemas e Estratégias de Inserção Ocupacional de Jovens Recém-Graduados em Ciências Sociais*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília.

Warr, P., Jackson & P., Banks, M. (1988). Unemployment and mental health: some british studies. *Journal of Social Issues*, 44(4), 47-68.

Malu Nunes de Oliveira possui Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba e Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Endereço: Rua Joaquim Eduardo de Farias, 213, Ponta Negra – Condomínio Sun Golden, Torre B, apto. 602. Natal, RN, CEP 59091-130. E-mail: malununes03@gmail.com

Cíntia Guedes Bezerra Catão. Possui Graduação em Psicologia, Mestrado em Psicologia Social e Doutorado em Psicologia Clínica. Psicóloga e atual Coordenadora da Atenção à Saúde do Estudante, da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAE), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Elza Maria do Socorro Dutra, Professora Titular de Psicologia Clínica Fenomenológica na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Docente-pesquisadora do PPGPsi, orientadora de Mestrado e Doutorado. Coordenadora do Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano-GESDH/UFRN/CNPq.

Recebido em 23.09.2017

Primeira Decisão Editorial em 17.10.2017

Aceito em 07.11.2017